CMP 2.1.9.82-1

ESTUDOS CASTELO BRANCO

REVISTA DE HISTÓRIA E CULTURA

N.º 31 / 1 DE OUTUBRO DE 1969

CMP 2.1.9.82-2

REVISTA DE HISTÓRIA E CULTURA

DIRECTOR — DR. JOSÉ LOPES DIAS
EDITOR — DR. ULISSES VAZ PARDAL
PROPRIETÁRIO — DR. JOÃO CAETANO D'ABRUNHOSA

CONSELHO DE REDACÇÃO:

DR.ª D. MARIA ADELAIDE SILVA CAIO
DR. ALBERTO TRINDADE
DR. HENRIQUE MENDES CARVALHÃO
ENG. MANUEL DA SILVA CASTELO BRANCO
HUGO CORREIA PARDAL

ADMINISTRADOR — FRANCISCO PIRES MARQUES
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO PINA, 8 — CASTELO BRANCO
COMP. E IMP. — GRÁFICA DE S. JOSÉ — Apartado 29 — Tel. 523 — C. BRANCO
Condições de Assinatura: PORTUGAL — 40$00 O NÚMERO — O N.º AVULSO — 50$00

AS DOUTRINAS EXPENDIDAS SÃO DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

CMP 2.1.9.82-3

Genealogia do Marechal Castelo Branco

por CELSO MARIA DE MELLO PUPO

PUBLICOU esta Revista, *em seu n.º 23, um* Vínculo Genealógico *do Marechal Castelo Branco, que foi Presidente da República do Brasil, da autoria do nosso camarada de Redacção Eng. Manuel Castelo Branco. Sobre o falecido Presidente do Brasil que esteve de visita ao nosso país e a esta cidade, oferece-nos um escritor brasileiro, Celso Maria de Mello Pupo, de Campinas, Estado de São Paulo, um estudo respeitante à genealogia brasileira do ilustre personagem que muito gostosamente inserimos nestas páginas, e vem completar a publicada anteriormente.*

Quem se delicia percorrendo os estudos genealógicos em indagações culturais ou nos lazeres com variedade de suas cogitações, bem sabe avaliar quanto esta especialidade da história representa de comprovação às leis da sucessão atávica. Inteligência e coração marcam individuos, repetindo-os, a intervalos, numa estirpe, assim como os traços fisionómicos que, quando já somos sexagenários, podemos, de viso, constatar suas repetições entre nossos conhecidos.

Percorrendo uma linha, na sucessão de suas multiplas gerações, um mesmo talento, um mesmo senso artístico, um mesmo pendor de alta idealidade, ou uma mesma força personalíssima, estão a repetir-se, de

CMP 2.1.9.82-4

século a século, porém marcantes, firmando pendões qualificativos. Daí, então, um destaque natural e qualificador.

Dom João I, rei feliz de Portugal glorioso, filho de Pedro o justiceiro e de Tereza Lourenço, depois das glórias de Aljubarrota, fez-se ao mar com a maior armada que cruzara o oceano, para, em companhia dos filhos Dom Duarte (depois rei) Dom Pedro, Dom Henrique e Dom Afonso, conquistar Ceuta, o marco inicial dos heróicos feitos para o grande mundo português que se consolidava com o dilatar das conquistas ultramarinas.

Ceuta foi um passo de glória, del rei e de seus filhos aqueles que haviam de doirar ainda mais a heráldica da casa de Aviz; acompanhou-os uma luzida gente, dos mais brilhantes brazões do reino portados pela sinestra de mocidade valorosa que iniciava a mais empolgante fase da vida portuguesa, continuada em Sagres no pioneirismo navegador do império português.

Acompanhava el rei uma plêiade de cavaleiros, homens que reuniam o vigor físico ao apuradíssimo sentimento de honra, de dignidade, de patriotismo entusiástico e que levavam indómito o pavilhão pátrio, partindo do Tejo numa quinta-feira, 25 de Julho de 1415. Compunham-na o grande e santo condestável Dom Nuno Alvares Pereira, o Mestre de Cristo Dom Lôpo Dias de Sousa, muitos dignitários da Casa Real, entre os quais o monteiro mor Lôpo Vasques de Castelo Branco e seu irmão Nuno Vasques de Castelo Branco moço que haveria de ser armado cavaleiro no dia seguinte ao da conquista, pelo infante Dom Duarte, ao lado de quem pelejara.

Este novo cavaleiro Nuno casou-se com D. Joana Jusarte de quem teve um unico filho que foi outro Lôpo Vasques de Castelo Branco monteiro mor del rei, alcaide mor de Moura, casado com D. Catarina Vaz Pessanha, filha de João Pessanha e de D. Maria de Abreu.

Deste último casal foi filho outro Nuno Vasques de Castelo Branco, mordomo mor de Dom Afonso V, almirante do reino e alcaide mor de Moura, casado com D. Felipa de Ataide, filha de João de Ataide e de D. Maria de Cordovelos, senhores de Penacova. Nuno e D. Felipa foram pais de Dom Pedro de Castelo Branco também senhor do morgado casado com D. Maria da Fonseca, filha de Rui Casca alcaide mor de Aviz, e de D. Aldonça de Camões. Em D. Pedro encontramos pela primeira vez o título de dom, transmissível apenas por linha masculina.

De Dom Pedro foi filho outro Dom Pedro de Castelo Branco, sucessor do morgado do mesmo nome, capitão de Ormuz (Ásia) e guerreiro nota-

CMP 2.1.9.82-S

bilísado nos feitos da Africa e India, e que além de morgado foi comendador de Vila del Rei; casou-se com D. Margarida de Lima, filha de João Brandão e de D. Isabel da Cunha.

Filho do capitão de Ormuz foi Dom António de Castelo Branco, morgado e comendador de Vilela e do Rio Torto na Ordem de Cristo, e que tomando parte na batalha de Alcacerquibir, nela foi feito prisioneiro com a flor da mocidade portuguesa. Era casado com D. Maria de Briteiros, filha e herdeira de Mateus da Cunha, senhor de Pombeiro, por quem entrou nesta linhagem este senhorio.

Dom António, prisioneiro em Alcacer, foi acompanhado neste infortúnio pelo seu filho Dom Pedro de Castelo Branco, senhor dos morgados paternos, comendador de Santa Maria da Amendoa na Ordem de Cristo com a filha do genovez António Calvo, D. Francisca Calvo de quem teve, entre outros, o filho Dom António de Castelo Branco, sucessor no morgado e comenda, e que seguiu o destino do seu pai e avô de dar a vida pela pátria morrendo na batalha de Dom Fradique de Toledo que tomou a Baía aos holandeses em Maio de 1625; foi casado com D. Maria da Silva, filha de Francisca Correa de Mello, senhor de Belas, e de D. Ana da Silva.

Dom António, morto na batalha de Dom Fradique, teve vários filhos: o primogénito e herdeiro, Dom Pedro foi elevado a visconde e depois o conde de Pombeiro. Outro chamado Dom Francisco da Cunha de Castelo Branco, casado com D. Maria Eugénia de Mesquita, foi pai de D. Clara da Cunha e Silva de Castelo Branco casada com Manuel Carvalho de Almeida.

O casal Clara e Manuel teve um filho que alguns genealogistas chamam erradamente pelo título de dom; sendo ele neto materno do portador deste título, não podia herdá-lo por linha feminina. Entretanto. chamam-no de Dom Francisco da Cunha e Silva de Castelo Branco e foi casado com sua parente (filha de sua prima irmã) D. Ana Rosa Pereira Teresa do Lago, filha de António de Carvalho de Almeida e de D. Maria Eugénia de Mesquita Castelo Branco.

Do citado casamento consanguíneo, nasceu Marcelino José da Cunha Castelo Branco, duas vezes de sangue de Castelo Branco, e que se casou com D. Maria Florência de Castelo Branco, filha de Estevam Lopes de Castelo Branco e de D. Ana Marques. De Marcelino e de D. Maria Florência, foi filha D. Candida Rosa de Castelo Branco três vezes Castelo Branco e que se casou com Marcelino Borges de Carvalho.

CMP 2.1.9.82-6

Marcelino e D. Candida tiveram um filho chamado Francisco Borges de Carvalho que se casou com a prima irmã D. Beatriz Virgínia da Silva Castelo Branco, e que foram os pais do General Candido Borges de Castelo Branco, este já seis vezes Castelo Branco.

O general casou-se com D. Antonieta de Alencar, e foram pais do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, presidente da Republica e símbolo da liberdade e garantia do nosso futuro.

Mas os Castelos tem ainda a registar uma distinção recebida da mais alta significação e que ainda perdura nas paredes de um dos salões do paço de Sintra em Portugal. A construção deste paço foi iniciada por Dom João I e continuada pelos seus sucessores Dom Afonso V, Dom João II e Dom Manuel. Este último rei mandou decorar o salão das armas com os brasões de setenta e duas das maiores famílias de Portugal, figurando entre eles o de Castelo Branco que é um escudo azul com um leão rampante de oiro armado de vermelho.

A família Castelo Branco é enorme no Brasil e espalhou-se por todo o país. Campinas mesmo teve um Castelo Branco que se notabilizou por um trabalho de ciência agrícola aplicada que salvou o Estado da crise tremenda iniciada em 1929. Não usa ele o apelido de Castelo Branco, pois é Raimundo Cruz Martins, mas é neto materno dos barões de Urussuí, cuja baronesa era D. Verónica de Castelo Branco, trineta do casal já citado Francisco da Cunha e Silva de Castelo Branco e D. Ana Rosa Pereira Teresa do Lago.

Que a tomada de Ceuta e tantos outros gloriosos feitos dos Castelo-Brancos na história encantadora de Portugal, se reflitam nesta hora grave da nossa cara pátria e marquem, mais uma vez, o nome predestinado fazendo-o padrão na história do Brasil.